

## Da Alma: As Opiniões dos Filósofos Precedentes

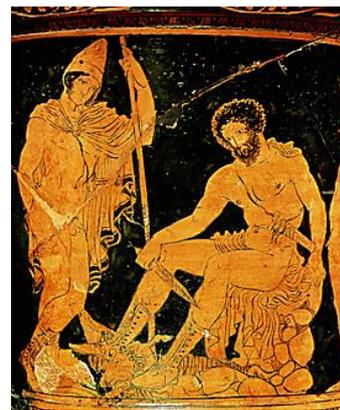
### Aristóteles de Estagira (384-322 AEC)

*Da Alma*, Livro I, Cap. 2 (403b20 – 405b29). Geralmente conhecida pelo título em latim *De Anima*, do grego *Perì Psuchês*. Baseada na tradução de C.H. Gomes, *Da Alma*, Edições 70, Lisboa, 2001, pp. 27-33, cotejada com a tradução inglesa de J.A. Smith, disponível em <http://classics.mit.edu/Aristotle/soul.1.i.html>. Ver também a tradução de Maria Cecília Gomes dos Reis, Ed. 34, São Paulo, 2006, pp. 49-54.

Preparado para a disciplina TCFC III: Filosofia das Ciências Neurais, prof. Osvaldo Pessoa Jr., FFLCH, USP, 2016, incorporando sugestões de Evan Keeling.

O estudo da alma exige que, ao apresentarmos as dificuldades que serão mais tarde resolvidas, façamos um resumo das opiniões sobre este tema expressas por aqueles que nos antecederam, especialmente para preservar a verdade por eles enunciada e também para evitar os seus erros eventuais. Para iniciarmos a nossa investigação devemos fazer referência àquelas propriedades – sendo elas naturalmente mais do que uma – que parecem pertencer por natureza ao domínio da alma. Tudo aquilo que é animado parece distinguir-se daquilo que é inanimado devido a duas características principais: o movimento [*kinesis*] e a sensação [*aisthēnē*]. A tradição herdada dos antigos atribui à alma estas duas características.

Segundo alguns, a alma é, por excelência, *o que primordialmente faz mover*. Por outro lado, considerando não poder o princípio, ele mesmo, mover outro se não estiver em movimento, incluíram eles a alma entre aqueles seres em movimento. Assim, Demócrito [c. 410 AEC] declara que a alma é uma espécie de fogo e de calor. Seriam infinitos e sem número os átomos e seus arranjos, chamando àqueles de forma esférica de fogo e alma. Ele os compara à poeira suspensa no ar que surge em meio aos



Odisseu (dir.) invoca a alma de Tirésias, com um sacrifício. Vaso grego do sul da Itália, séc. V AEC, Coleção Luynes, Bibliothèque Nationale, Paris.

raios de sol que passam por alguma abertura. À mistura dessas partículas de todos os tipos ele chama dos elementos de toda a natureza. Esta mesma teoria podemos encontrar em Leucipo [c. 435]. *Os átomos esféricos identificam-se com a alma*, porque as formas desta espécie são eminentemente próprias para atravessar todos os meios e para mover todo o resto, por estarem elas próprias em movimento. Disso resulta que a alma é o que produz o movimento dos animais.

É por isso que esta escola considera a respiração como característica da vida. Com efeito, o meio ambiente contrai os corpos e tende a expulsar aqueles átomos que transmitem movimento aos animais; mas em virtude de eles mesmos [os átomos esféricos] nunca estarem em repouso, há um esforço despendido por átomos semelhantes no sentido de penetrar a partir do exterior, através da respiração: impedem, por conseguinte, a eliminação dos átomos já presentes no interior dos animais, ao resistirem à força de compressão do ambiente. Enquanto puderem manter esta resistência, permanecerão os animais com vida.

Aqueles ensinamentos, que dos pitagóricos [c. 520] recebemos, parecem também inspirar-se na mesma linha de

pensamento. Alguns deles identificaram a alma com as poeiras em suspensão no ar, enquanto outros com o princípio do movimento destas poeiras. Acerca desse assunto, acrescentam ainda o fato de parecerem elas animadas por um certo movimento contínuo, mesmo encontrando-se o ar perfeitamente calmo.

Nesta posição confluem todos aqueles para quem *a alma é aquilo que se move a si mesmo*. Supõem todos eles ser o movimento próprio da natureza da alma, e enquanto todo o resto é movido pela alma, esta, no entanto, move-se a si mesma. Radica esta posição no fato de não se observar motor algum que não se encontre ele próprio em movimento.

O mesmo se verifica com Anaxágoras [c. 445], para quem a alma é o motor das coisas, e que, além disso, defendeu que todas as coisas foram postas em movimento pelo intelecto [*nous*]. Anaxágoras não se encontrou inteiramente de acordo com Demócrito. Este, com efeito, *identifica alma e intelecto* [mente], pois identifica o que aparece [através dos sentidos] com a verdade – é por isso que ele elogia Homero, que escreveu que “Heitor jazia com o pensamento confuso”.<sup>1</sup> Ele não trata, por conseguinte, o intelecto como uma faculdade que visa a verdade, mas antes identifica alma e intelecto.

Anaxágoras exprime-se ainda menos claramente acerca deste assunto: em muitas ocasiões identifica ele o intelecto com a causa do bom e do correto, em outras identifica a alma. Diz ele que o intelecto é próprio de todos os animais, grandes e pequenos, superiores e inferiores; mas o intelecto, no sentido de inteligência [*phronesis*], não parece

pertencer, na mesma proporção, a todos os animais ou mesmo a todos os homens.

Portanto todos aqueles, que consideraram que o que tem alma se encontra em movimento, identificaram a alma como o que por excelência faz mover. Pelo contrário, aqueles que consideraram que o que tem alma conhece ou percebe o que é, identificaram a alma com o princípio ou princípios da natureza, dependendo se aceitam vários princípios ou apenas um. Assim, procede Empédocles [c. 445] ao afirmar que a alma é composta por todos os elementos, cada um deles, não obstante, sendo uma alma por sua vez. Eis aquilo que afirmou:

“É pela terra que nós vemos a terra, pela água que vemos água.

Pelo éter, o éter divino, pelo fogo, fogo destruidor.

Pelo amor conhecemos o amor, a discórdia, pela triste discórdia.”

Sobre o mesmo assunto Platão disserta no *Timeu* [c. 365], concebendo a formação da alma a partir de seus elementos. Para ele, o semelhante só é conhecido pelo semelhante e, por outro lado, as coisas são formadas dos seus princípios ou elementos – o que vale também para a alma. Do mesmo modo (na sua conferência *Da Filosofia*<sup>2</sup>), coloca ele que o ser animado universal, em si mesmo, é composto da própria ideia do uno e das ideias primordiais de altura, largura e profundidade; e assim sucessivamente para todos os outros seres, objetos de sua percepção. Ele coloca sua concepção ainda em outros termos: o intelecto é a mônada, o conhecimento a díade – pois parte de um ponto e segue diretamente até uma conclusão única; a opinião é o número da superfície, e a sensação do sólido. Os

<sup>1</sup> Indicando que alterações materiais afetam o mental. Esta frase, da *Iliada* (XXIII, 698), é enunciada na verdade sobre o personagem Euríalo.

<sup>2</sup> Possivelmente uma conferência perdida de Platão, assim como a mais citada *Sobre o Bem*.

números são por ele expressamente identificados com as próprias formas [ideias] ou princípios, e são formados dos elementos. De outro modo, são os objetos apreendidos uns pelo intelecto, outros pelo conhecimento, outros pela opinião, outros a partir da sensação. Constituem os números, como afirmávamos, as formas das coisas.

Aceitando as duas premissas, que a alma é um certo ser motor e que é dotada de conhecimento, alguns filósofos compuseram-na das duas propriedades, dizendo que a alma é *um número que se move a si mesmo*.

No entanto, as opiniões diferem quanto à natureza dos princípios e quanto ao seu número. A principal diferença está entre aqueles que os consideram corpóreos e aqueles que os consideram incorpóreos. A ambos se opõem aqueles que defendem uma mistura, retirando seus princípios de ambas as fontes. Há também uma disputa quanto ao número de princípios: alguns admitem o princípio único, outros a pluralidade. Há uma conseqüente diversidade das várias explicações da alma.

Eles supõem – e nisso não são totalmente desprovidos de razão – que o que é por sua própria natureza produtor de movimento deve ser considerado como pertencendo aos primeiros princípios. Isso levou uns a concluir que *a alma seria como o fogo*, pois este é o elemento mais sutil e mais incorpóreo, primitivamente também possuindo a propriedade de poder ele mesmo estar em movimento e mover todas as coisas.

Demócrito exprimiu-se com maior rigor do que o resto, ao indicar a razão desta dupla propriedade. Ele diz que a alma e o intelecto são a mesma coisa, e esta coisa deve ser um dos corpos primários e indivisíveis, e sua potência para produzir movimento seria devida à fineza de grão e à forma de seus átomos.

Afirma ele, ainda, que de todas as formas a esférica é a mais móvel, e que esta é a forma das partículas de fogo e do intelecto.

Anaxágoras, como dissemos acima, parece distinguir a alma do intelecto, mas ele acaba tratando ambas como se fossem da mesma natureza, salvo pelo fato de considerar o intelecto como princípio de todas as coisas. De qualquer maneira, ele declara que, entre todas as coisas, só o intelecto é simples, sem mistura e puro, consignando ao mesmo princípio as duas características, conhecimento e fonte do movimento. Afirma, finalmente, ser o intelecto a fonte de movimento do universo.

Tales [c. 585], segundo consta, também considerava a alma como sendo o princípio motor, ao afirmar que o imã possui uma alma, pois é capaz de pôr o ferro em movimento.

Diógenes [de Apolônia, c. 430], assim como alguns outros [Anaxímenes, c. 535], identifica a alma com o ar, em virtude de, segundo o seu sistema de pensamento, o ar ser a coisa mais sutil, por este modo funcionando como princípio. Por conseguinte, seria por esta razão que pode a alma conhecer e conceder o movimento como realidade primeira, dela derivando todas as outras coisas, sendo o ar dotado de conhecimento e, devido à sua grande sutileza, princípio de movimento.

Para Heráclito [c. 500], o princípio consiste na própria alma, em virtude de ela ser aquela emanção quente pela qual todos os seres são criados. Trata-se, por conseguinte, de *uma realidade incorpórea e em mutação contínua*: o que está em movimento requer que aquilo que o conhece também esteja em movimento, sendo sua opinião, como a de muitos outros, de que tudo o que é, tem seu ser essencialmente no movimento.

Alcmeão [médico pitagórico, c. 520, o primeiro a salientar a função cognitiva do

cérebro], quando se pronuncia sobre a alma, situa-se próximo destas posições acima referidas. Considera ele *a alma imortal*, porque se assemelha às ditas realidades imortais, sendo essa semelhança intrínseca a si mesma devido ao movimento perpétuo: pois todos os corpos divinos são animados de um movimento contínuo, como se verifica com a lua, o sol e os astros do céu inteiro.

Entre as outras opiniões menos elaboradas acerca deste tema, saliente-se que alguns consideram a alma como a água, sendo precisamente o caso de Hípon [c. 430]. É esta sua convicção baseada no fato de que a semente é úmida em todos os animais. Hípon procura refutar todos aqueles que dizem que a alma é sangue, alegando que a semente, que é a alma primordial, não consiste de sangue.

Para outros, como sucede com Crítias [oligarca de Atenas e tio de Platão, c. 420], a alma é justamente o próprio sangue: a faculdade de sentir é, mais do que todas as outras coisas, aquela que é própria da alma, sendo o fato de lhe pertencer devido à própria natureza do sangue.

Todos os elementos puderam, com efeito, ter um pensador a seu favor, com exceção da terra. Jamais alguém se pronunciou a seu favor, a não ser que consideremos aqueles que afirmaram que a alma dimanaria [brotaria] de todos os elementos, ou por eles seria composta.

Podemos assim afirmar que todos os pensadores, ou quase todos, definem a alma fundamentando-se em três atributos – *o movimento, a sensação e a incorporeidade* – cada um deles se reportando aos primeiros princípios. Eis, pois, a razão por que aqueles (excetuando-se um caso), que definem a alma pelo conhecimento, a tornam um elemento ou algo derivado a partir dos elementos.

Professam eles, com efeito, que o semelhante pode ser conhecido pelo semelhante: a alma conhece todas as coisas, sendo formada, conforme pensam, por todos os princípios. Por conseguinte, aqueles que consideram apenas uma única causa ou um único princípio, defendem ser a alma formada de um só elemento, como o fogo ou o ar. Mas, aqueles, que admitem vários princípios, tornam a alma uma pluralidade.

A exceção é Anaxágoras: só ele declara que *o intelecto é impassível* e nada tem em comum com qualquer dos outros seres. Todavia, se assim é, não poderá existir maneira alguma de ele conhecer por intermédio de algum meio ou ação. Isto ele não explicou, nem se pode inferir uma resposta a partir de suas palavras.

Aqueles, que estabelecem pares de oposição entre os princípios, enformam a alma também a partir desses contrários. Mas aqueles que tomam como princípio um ou outro dos contrários, como, por exemplo, o quente ou o frio, ou qualquer outra qualidade diferente, consideram a alma invariavelmente uma dessas qualidades. São eles, por essa razão, orientados pelas próprias denominações: aqueles que pretendem ser a alma o quente, dizem que a vida [*dzên*] é originária do aquecimento [*dzein*]; aqueles que identificam a alma [*psuchê*] com o frio [*psuchos*], defendem assim que a alma é devido à respiração ou ao resfriamento [*katapsuxis*].

Tais são as opiniões acerca da alma que nos foram legadas, assim como também as razões que levaram os seus seguidores a emití-las.